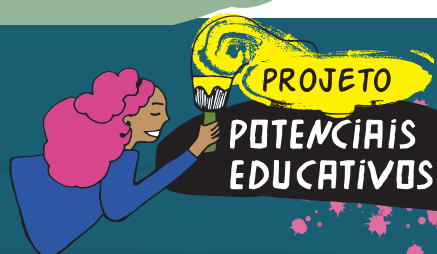


DOCUMENTO ORIENTADOR METODOLÓGICO

PARA O MAPEAMENTO DOS POTENCIAIS
EDUCATIVOS DOS TERRITÓRIOS



PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SME

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Maria Silvia Bacila

Secretária Executiva Pedagógica

Samuel Ralize de Godoy

Secretário Adjunto de Educação

Ronaldo Tenório

Chefe de Gabinete

Sueli Mondini

Chefe da Assessoria de Articulação das Diretorias Regionais de Educação – DREs



DOCUMENTO ORIENTADOR METODOLÓGICO

PARA O MAPEAMENTO DOS POTENCIAIS
EDUCATIVOS DOS TERRITÓRIOS



EXPEDIENTE

FUNDAÇÃO ITAÚ - ITAÚ SOCIAL

Presidência da Fundação

Eduardo Saron

Superintendência do Itaú Social

Patricia Mota Guedes

Gerência de Implementação

Gerente de Implementação: Cláudia Sintoni

Coordenador de Ensino Fundamental: Renato Brizzi Martins

Analista de Ensino Fundamental: Milena Regina de Paula Silva

PRODUÇÃO DA PUBLICAÇÃO

Assessoria técnica

Incrivy Arte, Cultura e Educação

Coordenação

Ivy Moreira

Consultores pedagógicos

Mariana Mota

Tarsila Portella

Apoio técnico

Ana Paula Bezerra Severiano

Thais Mascarenhas

Coordenação editorial

Estúdio Cais – Projetos de Interesse Público

Elaboração dos textos

Daniele Próspero

Ivy Moreira

Mariana Mota

Tarsila Portella

Revisão ortográfica

Marta Pachiella Martinez

Projeto gráfico, ilustração e diagramação

Marcela Weigert Braga

ÍNDICE

1. Abertura	06
2. Apresentação do material	08
3. Território educativo	10
4. Investigando o território: o olhar cartográfico e o mapeamento dos potenciais	12
4.1. O que mapear nos territórios	15
5. Quem pode contribuir com o mapeamento?	16
6. Estratégias de mapeamento	17
6.1. Recomendações que podem contribuir para o processo de mapeamento	18
6.2. Atividades para serem realizadas com os(as) estudantes para o mapeamento	22
7. Próximos passos: Trilhas de Aprendizagem	25
8. Referências bibliográficas	29
Anexo	30



1. ABERTURA

Vivências nos territórios para fortalecer o desenvolvimento integral dos(as) estudantes

Para atender os mais de 1 milhão de estudantes da Rede Municipal de Ensino (RME), a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo tem como premissa a Educação Integral, equitativa e de qualidade. Essa perspectiva perpassa todas as fases escolares, a fim de garantir a formação de cidadãos(ãs) críticos(as) e conscientes.

Assim, as vivências e experiências fomentadas ao longo do percurso não se limitam aos espaços escolares, e os diversos territórios da cidade promovem também experiências e vivências fundamentais para a aprendizagem.

Foi, a partir dessa motivação, que a Secretaria Municipal de Educação estabeleceu uma parceria com a Fundação Itaú para a realização do projeto Potenciais Educativos, do qual este documento Orientador Metodológico faz parte e que, agora, você tem em mãos. O objetivo é colaborar para que as unidades educacionais saibam como melhor explorar os territórios e despertar o senso de pertencimento dos(as) estudantes nas localidades.

O Orientador Metodológico, construído em conjunto com os profissionais da Rede Municipal de Ensino, sob diversas óticas, vem trazer subsídios que visam agregar às aulas e às vivências educacionais, inclusive dentro do Programa São Paulo Integral, que tem como um dos objetivos o acesso aos territórios durante seu período e permanência nas escolas.

Que este material possa inspirar e fortalecer a relação escola-território.

Fernando Padula
Secretário Municipal de Educação



Mapeamento dos potenciais educativos dos territórios: ação mobilizadora das comunidades escolares

Cada território na cidade contém saberes que podem contribuir muito com as escolas no processo educativo de crianças e adolescentes. Essa convicção é parte da trajetória em Educação Integral do Itaú Social e é também a marca deste Orientador Metodológico, uma produção que reúne esforços do Itaú Social e da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

O projeto, que culminou na produção do Orientador, representa um marco para a política de Educação Integral da cidade de São Paulo, ao mobilizar todo o ecossistema que envolve a comunidade escolar – professores(as), estudantes, famílias e referências comunitárias –, no processo de mapeamento dos potenciais educativos dos territórios.

A colaboração foi essencial para o mapeamento e a sistematização da metodologia. O empenho das equipes técnicas do órgão central se somou à participação intensa das 13 Diretorias Regionais de Educação (DREs) que apoiaram, fortaleceram e mediaram o processo de mapeamento dos potenciais educativos feito pelas comunidades escolares. As sugestões, caminhos e aprendizados que aqui apresentamos são fruto direto do engajamento e aporte técnico desses coletivos.

Desejamos que o Orientador apoie os(as) educadores(as) da Rede Municipal de Ensino de São Paulo – assim como de outras redes interessadas – no seu trabalho diário em prol de uma Educação Integral, emancipadora e conectada aos saberes locais.

Patricia Mota Guedes
Superintendente do Itaú Social

2.

APRESENTAÇÃO DO MATERIAL

“O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 1999, p.8).

Muito mais do que um espaço físico, como bem lembra o educador e geógrafo Milton Santos, o território é cultura, é saber, é relação, é pertencer. E, quando o território ganha, ao seu lado, a palavra “educativo”, ele se expande ainda mais. O território educativo passa a ser assunto, lugar de aprendizados, parte do currículo e, também, um agente fundamental no desenvolvimento integral de crianças e adolescentes.

É essa perspectiva que está presente no Programa São Paulo Integral, que

“tem como objetivo principal a promoção de experiências pedagógicas visando à consecução da Educação Integral por meio da expansão do tempo de permanência dos(as) estudantes na escola de forma qualificada, a resignificação dos espaços e do currículo, garantindo o direito de acesso aos territórios educativos na escola e para além dela, numa perspectiva de formação e desenvolvimento integral, contemplando as aprendizagens multidimensionais e a integralidade dos sujeitos” (SÃO PAULO, 2022).

O território educativo convida, justamente, a escola a conhecer, cada vez mais, os saberes locais, entendidos como os modos de ser e fazer de cada território, que refletem a cultura e o contexto nos quais uma comunidade está inserida. E, também, a explorar os seus potenciais educativos, ou seja, os agentes, espaços e/ou dinâmicas de cada território reconhecidos como capazes de gerar aprendizagem.

Mas, para perceber seus potenciais educativos, experimentá-los, vivenciá-los e torná-los parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, é necessário conhecer o território em questão. E, conhecê-lo não só na sua dimensão física, mas também nas suas dimensões simbólicas e culturais, se torna fundamental para entender mais sobre os(as) estudantes que as escolas recebem, os saberes e agentes que produzem conhecimentos e como podem se articular ao currículo escolar.

Assim, com a proposta de apoiar as escolas na tarefa de serem articuladoras das vivências educativas que os(as) estudantes podem experienciar dentro e fora da unidade

escolar, e visando garantir o desenvolvimento em sua multidimensionalidade – intelectual, física, emocional, social e cultural –, preparamos este Orientador Metodológico, que apresenta possibilidades de levantamento e mapeamento de locais, espaços, pessoas e manifestações que compõem os territórios.

O objetivo é colaborar para que vocês, educadores(as), possam ampliar o olhar acerca dos saberes do território juntamente com os(as) estudantes e toda a comunidade escolar, de modo a construir as conexões necessárias entre suas práticas pedagógicas e o território educativo favorecendo a articulação ao Currículo da Cidade.

Lembramos que esse movimento vem agregar às ações já promovidas pelas escolas, tendo em vista que as unidades escolares realizam práticas de diálogo e exploração do entorno e da cidade.

Apesar do documento trazer diversas indicações direcionadas, principalmente às Escolas de Ensino Fundamental (EMEFs), ressaltamos que poderá ser facilmente adaptado para ser utilizado nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) e de Educação de Jovens e Adultos (EJAs), tendo em vista que aborda os princípios fundamentais para a prática da Educação Integral.

Boa leitura e uso do material.



3. TERRITÓRIO EDUCATIVO

“Assim, ao afirmar que a relação escola-território é um elemento estruturante, a Educação Integral entende que o reconhecimento da criança e do estudante — dos seus códigos, dos desafios enfrentados e dos valores de sua comunidade — é algo fundamental para uma educação de qualidade” (COSTA, 2024).

É fundamental reconhecer as potencialidades dos territórios enquanto espaços educativos e construir aprendizagens significativas, em que os(as) estudantes sejam, de fato, reconhecidos(as) como sujeitos da própria aprendizagem. Por reconhecer o quão é complexa a concepção e implementação da Educação Integral, é imprescindível o amplo diálogo, a escuta e a participação dos(as) educadores(as), a comunidade escolar e as equipes da Secretaria Municipal de Educação.

No contexto de um currículo crítico, é preciso que a comunidade escolar esteja aberta para que os(as) educadores(as), assim como os(as) estudantes, tragam às salas de aula suas experiências sociais, suas indagações, suas memórias e seus modos de viver, seus saberes de tantas resistências, ações e vivências (SÃO PAULO, 2020, p.49).

Para que o(a) docente possa integrar os saberes históricos e os saberes dos territórios às práticas e experiências pedagógicas, deve utilizar os mais variados espaços escolares disponíveis: brinquedoteca, sala de leitura, parque infantil, pátio, laboratórios e ambientes internos e externos, e deve se apropriar do bairro e da cidade.

Na perspectiva do Programa São Paulo Integral, a experiência durante o processo de aprendizagem compõe o tempo expandido na escola, momento em que circulam outros saberes compartilhados pelos(as) próprios(as) professores(as), educandos(as), famílias e parceiros(as) do território, de modo a integrar a formação do sujeito educando (SÃO PAULO, 2016, p.11).

Os saberes e as práticas que constituem e se situam no território tanto como hábitos, usos e costumes da cultura local são potenciais que se conectam com territórios mais amplos, regionais, nacionais, globais e mesmo virtuais.

Dessa forma, a formação integral da criança e do(a) adolescente é compreendida como um compromisso não só da escola, mas também da família e da comunidade e, para isso, propõe-se um novo arranjo educativo, em conexão com o território, na oferta de ações intencionais, intersetoriais que envolvam as várias áreas do saber, e do desenvolvimento humano e social, que ampliem tempos e espaços de aprendizagem e que impliquem a entrada de outros sujeitos para atuarem, com a escola, na tarefa de educar integralmente (LOMONACO, 2013, p.10).

A Educação Integral reforça a centralidade da relação escola e território e, desse modo, há o reconhecimento e valorização das práticas pedagógicas em diálogo com a vida dos(as) estudantes, sobretudo na compreensão desse binômio como agentes para o desenvolvimento intelectual, físico, emocional, social e cultural dos sujeitos. Nessa perspectiva, a educadora Jaqueline Moll, referência no tema da Educação Integral no país, afirma:

“Trata-se de reconectar os tempos da escola com os tempos da vida de nossos(as) estudantes, procurando entender o continuum, entre esses tempos e a presença dos(as) estudantes com seus saberes e múltiplas possibilidades de aprendizagens. Trata-se de, a partir dos processos de reflexão e ação instituídos há muito em muitas escolas, avançar na qualificação do espaço escolar como espaço de conhecimentos e valores, como espaço no qual a vida transita em sua complexidade e inteireza, como espaço no qual cada estudante, com razão e emoção, possa conhecer e operar com a música, com as ciências, com as artes cênicas, com a matemática, com a literatura, onde cada um e todos em relação possam se humanizar e se singularizar, entendendo o mundo e entendendo-se no mundo. Trata-se de fazer acontecer o encontro entre a escola e a cidade, a escola e a comunidade, a escola e a rua, ampliando-se e garantindo-se territórios para percursos formativos de nossas crianças e nossos(as) jovens” (MOLL, 2013, p.45).



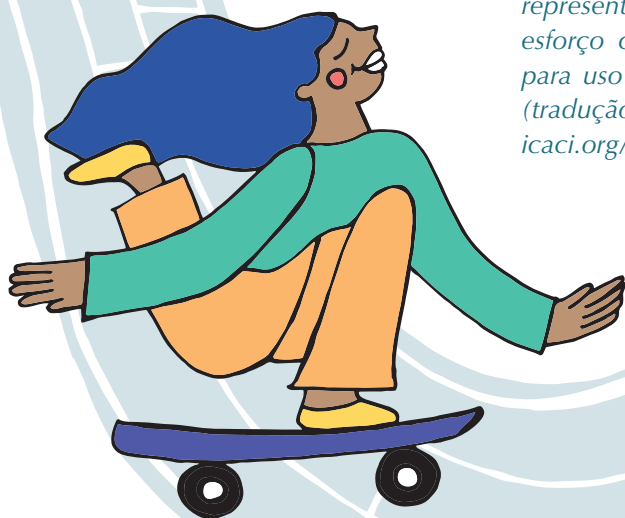
4. INVESTIGANDO O TERRITÓRIO: O OLHAR CARTOGRÁFICO E O MAPEAMENTO DOS POTENCIAIS

Entre as diversas definições do verbo mapear, o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa traz: “fazer o mapa geográfico de” uma região, “estabelecer as relações espaciais ou as posições relativas ou a distribuição de (algo ou seus componentes)”, e ainda: “associar com (cada elemento de um conjunto) [um ou mais elementos de outro conjunto], a partir de um mapeamento; associar (um elemento) com (outro ou outros) dessa maneira” (Mapear, HOUAISS).

A partir das diversas definições que o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa traz, é possível entender que, para além da finalidade da produção de mapas geográficos, mapear também tem a ver com a representação de relações entre elementos e grupos, sejam eles físicos ou simbólicos, dentro de um contexto delimitado.

De acordo com a definição da International Cartographic Association (Associação Cartográfica Internacional – conheça em: bit.ly/3yoGEio), o próprio conceito de mapa é entendido de forma ampla:

“uma representação simbolizada de uma realidade geográfica, representando qualidades selecionadas e características, resultante do esforço criativo da execução de escolhas do seu autor, desenvolvida para uso quando as relações espaciais são de relevância fundamental” (tradução para o português do item ‘definições’. Disponível em inglês em: icaci.org/mission).



Ou seja, a construção de um mapa, entendido como representação simbólica de uma realidade geográfica, é guiada pela finalidade que ele terá para seu(sua) autor(a). A intenção de uso e o que se pretende mapear deve ser escolhido antes do mapa ser feito. Ainda de acordo com a Associação, um mapa pode ser tangível (manuseado e/ou tocado) ou não tangível (existe apenas em formato digital ou cognitivo), pode estar presente em um papel, tela de computador, pode ser dinâmico, interativo, estático, pode ser usado como acesso a uma base de dados, única imagem, entre muitas outras possibilidades.

Nesse contexto, outro conceito importante é o da cartografia, definida pela Associação como *“um recurso exclusivo para a criação e a manipulação de representações visuais ou virtuais de mapas geoespaciais – para permitir a exploração, a análise, a compreensão e a comunicação de informações sobre esse espaço”* (ICA, 2003, p.17).

Na perspectiva da Educação Integral, o olhar cartográfico apresenta-se como instrumento potente para o trabalho na escola. A cartografia é uma linguagem que orienta a leitura e a produção de sentidos sobre a vida, a realidade e o território. A cartografia convida os(as) participantes a terem uma percepção atenta dos percursos e caminhos rotineiros e suas culturas habituais, promovendo o desenvolvimento do olhar, a sensibilidade e o envolvimento reflexivo dos sujeitos com seus territórios.

A cartografia na formação de jovens

A cartografia orienta a leitura e a produção de sentidos sobre as realidades dos territórios, gerando uma percepção mais atenta aos percursos e caminhos rotineiros e suas culturas habituais, com a promoção do desenvolvimento de sensibilidades e o envolvimento reflexivo dos jovens com os territórios das cidades. Entre os objetivos da investigação cartográfica na formação de jovens estão:

- Produzir um olhar mais atento dos(as) jovens sobre percursos e caminhos rotineiros e sobre culturas habituais;
- Promover o desenvolvimento de sensibilidades e o envolvimento reflexivo dos(as) jovens com os territórios da cidade;
- Conhecer e explorar espaços na cidade onde estão concentradas práticas juvenis, artísticas, tecnológicas, relativas ao mundo do trabalho, das políticas, das ciências, de promoção da saúde, de lazer e de esportes para reconhecer e diferenciar seus modos de funcionamento e organização de acordo com cada contexto humano e territorial;
- Promover encontros dos(as) jovens com os territórios da cidade, provocando situações de debate quanto às posições que eles(as) assumem nas práticas e espaços culturais;
- Desenvolver uma leitura pluricultural dos potenciais da cidade;

- Apropriar as singularidades presentes na vida urbana a partir de experimentações de situações urbanas variadas;
- Produzir redes de sentido e de vida renovadas na cidade;
- Provocar o surgimento de novas modalidades de se agregar, de trabalhar, de criar sentido, de inventar dispositivos de valorização da vida comum e de autovalorização.

Fonte: SANTOS, 2008, p.47.

Entendida como uma linguagem que orienta a leitura e a produção de sentidos sobre a realidade dos territórios, a cartografia possibilita que os participantes se apropriem e se envolvam reflexivamente com o território em toda a sua complexidade (HAASZ, 2013, p.51).

Configura-se como ferramenta para os(as) estudantes e as comunidades desvendarem o território em toda sua complexidade: as culturas, as tecnologias, o mundo do trabalho, os diferentes modos de vida, os movimentos e as *performances* presentes no entorno.

Na Educação Integral, o saber cotidiano é o que confere a qualquer espaço ou indivíduo seu potencial educativo, na medida em que os processos cotidianos são também formativos, e não apenas o saber acadêmico e formal.

Conduzido por um olhar cartográfico, o processo de mapeamento dos potenciais educativos de um território, quando compartilhado com diversas pessoas, pode transformar-se também em uma estratégia de mobilização e engajamento da comunidade escolar.



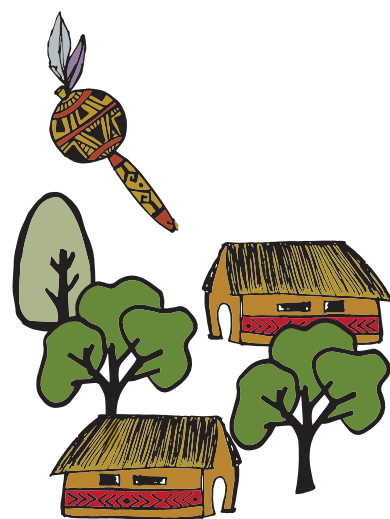
4.1. O que mapear nos territórios

No processo de mapeamento, é interessante identificar e valorizar as vozes e os elementos que compõem o território, contam sua história e sua constituição territorial e social. Isto significa um mapeamento que vá para além dos equipamentos públicos diretamente responsáveis pela Educação Básica no território, como as Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF), Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM), Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) e Escolas Técnicas (ETEC). O mapeamento precisa, portanto, reconhecer:

 **Saberes locais:** modos de ser e fazer de cada território, refletem a cultura e o contexto no qual uma comunidade está inserida.

 **Potenciais educativos:** agentes, espaços ou dinâmicas de cada território reconhecidos(as) como capazes de gerar aprendizagem, para além das unidades educacionais, como:

- Equipamentos públicos, tais como Universidade Aberta do Brasil (UAB), Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC), Centros de Estudos de Línguas Paulistanos (CELP), Centros para Criança e Adolescentes (CCA), Centros de Educação Unificado (CEU), Centros de Referência em Assistência Social (CRAS), Clubes da Comunidade (CDC), Assistência Médica Ambulatorial (AMA), Unidades Básica de Saúde (UBS), Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Centros Especializados em Reabilitação (CER), Fab Labs, Fábricas de Cultura, Casas de Cultura, Clubes Esportivos, Centros de Especialidades Odontológicas (CEO), Centros para Juventudes (CJ), bibliotecas, quadras poliesportivas, parques e praças;
- Equipamentos privados de fins públicos, tais como centros culturais, unidades do SESC (Serviço Social do Comércio), universidades, cinemas, teatros, escolas de dança e/ou outras linguagens;
- Coletivos jovens;
- Organizações da Sociedade Civil (OSC);
- Mídias comunitárias;
- Lideranças locais;
- Fóruns de mobilização;
- Manifestações religiosas/espirituais;
- Localidades de referência simbólica para o território;
- Outros: feiras, cooperativas, centros de memória, bibliotecas comunitárias, ateliês, sítios, galerias de arte etc.



5. QUEM PODE CONTRIBUIR COM O MAPEAMENTO?

O processo de mapeamento do território pode e deve ser realizado por diferentes pessoas e instituições. A composição de perspectivas únicas e repertórios individuais amplia a potência do exercício, na medida em que o mapeamento passa a refletir experiências e entendimentos distintos, que podem se sobrepor, se complementar e, até mesmo, se opor.

O olhar de uma criança, de um(a) adolescente ou jovem e de um(a) educador(a), por exemplo, sobre um mesmo espaço, é completamente diferente, assim como a relação que eles(elas) estabelecem com esse local. Nesse sentido, os itinerários e as vivências individuais se somam na configuração de uma leitura e compreensão coletiva do território.

A proposição de um processo compartilhado de mapeamento parte do pressuposto que a diversidade de vivências enriquece a identificação e o entendimento dos espaços e equipamentos. Quanto mais pessoas e instituições participam do processo, mais amplo e representativo é o resultado.

Nesse sentido, este Orientador Metodológico sugere que todos(as) envolvidos(as) desempenhem um papel de pesquisador(a), a partir da exploração do olhar curioso e investigativo, da organização da coleta de informações e leitura dos dados.

Assim, podem participar prioritariamente* os(as) seguintes pesquisadores(as) no processo de mapeamento:

- Estudantes do 1º ao 9º ano do integral e/ou regular;
- Estudantes envolvidos(as) com o Grêmio Estudantil e a Imprensa Jovem;
- Comunidade escolar: gestão escolar, professores(as), funcionários(as) e familiares dos(as) estudantes;
- Comunidade geral: moradores(as), comércios, organizações sociais, equipamentos públicos, entre outros.

** Observação: Como já destacado anteriormente, na apresentação deste documento, o processo de mapeamento pode ser realizado com todas as faixas etárias e ciclos da educação.*



6. ESTRATÉGIAS DE MAPEAMENTO

“Professores(as) são protagonistas do currículo: o(a) professor(a) é o sujeito principal para a elaboração e implementação de um currículo, uma vez que tem a função de contextualizar e dar sentido aos aprendizados, tanto por meio dos seus conhecimentos e prática, quanto da relação que estabelece com seus estudantes” (SÃO PAULO, 2020, p.49).

O mapeamento do território é sugerido como estratégia de fortalecimento do trabalho pedagógico, pois o reconhecimento e o olhar curioso expandem as perspectivas para as oportunidades oferecidas no entorno e na cidade, contribuindo para o desenvolvimento integral dos(as) estudantes.

Mas, para que isso seja efetivo, é preciso que o mapeamento seja realizado com intencionalidade educativa, ou seja, que seja implementado com o objetivo de promover aprendizagens, mobilizando nos(as) estudantes competências e habilidades.

É justamente a intencionalidade que dá sentido à prática, elemento fundamental para a construção de significado, tendo em vista o olhar para as potencialidades dos territórios. Uma praça, um equipamento público, um saber local, só irá contribuir com o desenvolvimento dos(as) estudantes a partir da construção de sentidos – ações, falas, tomada de decisão, organização dos espaços e propostas – de modo a permitir perspectivas do que se pretende alcançar.

A ação intencional pedagógica é construída a partir de planejamentos que provocam a prática de identificar, observar, mapear, registrar, experimentar, participar, fruir, ilustrar, exemplificar, explicar, argumentar, investigar, pesquisar, descrever, narrar, avaliar, comparar, ocupar, intervir, transformar e ativar.

USO DE TECNOLOGIA

Para facilitar o processo de aprendizagem, trabalhando conteúdos e competências e auxiliando no planejamento de atividades educativas mais criativas, que despertam o interesse dos(as) alunos(as), os(as) educadores(as) podem utilizar diversos objetos digitais de aprendizagem nas práticas pedagógicas. Entre eles estão jogos, animações, simuladores e videoaulas. Algumas sugestões podem ser conferidas neste especial, preparado pelo Porvir, disponível em: porvir.org/especial/tecnologia.



Nesse processo, é importante que o(a) educador(a) atue como facilitador(a), promovendo momentos de troca e elaboração coletiva, estimulando o protagonismo dos(as) estudantes na construção de caminhos para uma aprendizagem significativa.

Por sua vez, o olhar cartográfico, condutor do processo de mapeamento, pressupõe estratégias que devem considerar o universo dos(as) estudantes na relação com suas histórias de vida, desejos e visões de mundo; produzir um olhar mais atento sobre percursos e caminhos rotineiros e sobre culturas habituais; promover o desenvolvimento de sensibilidades e o envolvimento reflexivo dos(as) estudantes com os territórios da cidade; desenvolver uma leitura pluricultural dos potenciais da cidade; além de incluir os diversos espaços de aprendizagem da comunidade nos projetos educativos, a partir da cartografia dos relacionamentos estabelecidos pelos(as) estudantes em seus territórios (HAASZ, 2013, p. 52 e 53).

Exemplo de iniciativa de intervenção no território: PROGRAMA JOVENS URBANOS

O Programa Jovens Urbanos foi uma iniciativa realizada pela Fundação Itaú Social, com a coordenação técnica da organização do Cenpec, que atuou na perspectiva de formar jovens das periferias de metrópoles brasileiras com base na Educação Integral, por meio de atividades socioculturais, especialização profissional e formação cidadã. A sistematização da metodologia apresenta diversas estratégias de circulação e realização de intervenções nos territórios. O Mapa do P, por exemplo, é uma atividade que convida os(as) adolescentes e jovens a elaborarem um roteiro de exploração cartográfico que levante as principais potências, problemáticas e personagens do território. Para o Programa, explorar significa identificar o funcionamento, características e códigos das relações sociais, dos equipamentos e serviços, das tecnologias presentes na cidade. As práticas de exploração na cidade aguçam o olhar sobre o múltiplo cultural presente nos cenários urbanos e acontecem por meio de incursões a ambientes urbanos e campos tecnológicos nos distritos e bairros nos quais os(as) jovens residem e outros espaços da cidade. Conheça toda a metodologia na publicação que sistematiza o programa. Acesse em: bit.ly/3BI8szH

6.1. Recomendações que podem contribuir para o processo de mapeamento

Planejando o mapeamento: conexão com o currículo, intencionalidade pedagógica, criação de ferramentas e estratégias de comunicação.

- Reúna os(as) estudantes para apresentar a proposta do mapeamento dos potenciais educativos do território;
- Valorize os conhecimentos prévios e vivências que os(as) estudantes trazem do território;
- Articule o mapeamento com projetos e iniciativas dos diferentes Territórios do Saber, de modo a permitir maior conexão entre conteúdos, fortalecendo as ações;

- Articule a investigação do território com as atividades e projetos em execução na escola, garantindo a intencionalidade pedagógica;
- Crie ferramentas para o registro dos dados a serem levantados no mapeamento, como, por exemplo, formulários *on-line* ou impressos; questionários; roteiro de perguntas; etc.;
- Realize parcerias entre educadores(as) de diferentes perfis, disciplinas e atuações, valorizando a interdisciplinaridade e garantindo que as práticas pedagógicas alcancem resultados na aprendizagem dos(as) estudantes;
- Planeje as estratégias de mobilização de outros(as) pessoas e instituições que poderão contribuir com o mapeamento, como familiares, organizações locais, lideranças etc.;
- Crie materiais de comunicação que poderão ser utilizados para divulgar o mapeamento e mobilizar os(as) diversos(as) participantes (ex.: cards, posts para mídias sociais, cartaz mural etc.).

TERRITÓRIOS DO SABER DO PROGRAMA SÃO PAULO INTEGRAL

I – Comunicação e Novas Linguagens

II – Culturas, Arte e Memória

III – Orientação de Estudos e Invenção Criativa

IV – Consciência e Sustentabilidade Socioambiental, Economia Solidária e Educação Financeira

V – Cultura Corporal, Aprendizagem Socioemocional, Participação Social e Promoção da Saúde

Realizando o mapeamento: protagonismo dos(as) estudantes, investigação do território e registro.

- Estimule o protagonismo dos(as) estudantes durante o processo de investigação do território, incentivando a proposição de ideias e tomadas de decisão;
- Incentive o trabalho colaborativo durante as atividades propostas;
- Invista em brincadeiras e atividades lúdicas planejadas e com condução orientada;
- Estimule a circulação no território, considerando as especificidades da faixa etária dos(as) estudantes. As saídas* precisam ser planejadas levando em conta o número de estudantes para que seja mobilizada equipe escolar para acompanhamento e garantia da segurança de todos(as);
- Notifique os familiares, com antecedência, as informações acerca da circulação, como data, local, objetivo, planejamento e itinerário;
- Registre todo o processo por meio de textos, fotos e vídeos;
- Após a realização das atividades de levantamento dos potenciais educativos do território, o(a) professor(a) pode colaborar com a inserção das informações no formulário ou outra ferramenta utilizada durante o mapeamento;

* É importante que os(as) professores(as) se informem, previamente, com a gestão escolar da sua unidade sobre as orientações referentes às saídas pedagógicas.

- Nesta etapa, o(a) professor(a) poderá também complementar com outros potenciais que identificar no território, bem como incluir informações que considerar relevantes.

Organizando e analisando as informações do mapeamento: compartilhamento.

- Organize as informações levantadas, a partir de categorias como: área de atuação (ex.: escolas, coletivos, mídia etc.); temáticas (ex.: cultura, esporte, educação etc.) ou outra classificação que o grupo achar oportuno diante de sua realidade;
- Crie painéis e/ou murais para a visualização dos potenciais educativos mapeados;
- Apresente o mapeamento para a comunidade escolar e todos(as) que participaram do processo.

O Professor Orientador de Educação Integral (POEI) tem papel fundamental no processo de mapeamento dos potenciais educativos do território pela comunidade escolar. As sugestões a seguir estão alinhadas à Portaria da Secretaria Municipal de Educação nº 7.464, de 3 de dezembro de 2015, artigo 20, disponível em: bit.ly/3urh7mE.

- Garantir o diálogo entre as atividades propostas e o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola;
- Problematicar junto aos(as) demais professores(as) aspectos relacionados à intersectorialidade com vistas a potencializar as experiências de aprendizagem possíveis no território educativo;
- Juntamente com o(a) professor(a), organizar e acompanhar as investigações na perspectiva da integralidade e integração das atividades promovidas na escola;
- Fomentar a sistematização das informações acerca do território e das articulações realizadas pela escola;
- Estimular o engajamento dos diferentes públicos para a participação no mapeamento dos potenciais educativos;
- Disponibilizar os materiais de comunicação e registro para todos(as) os(as) envolvidos(as).

FERRAMENTA DE REGISTRO DE LEVANTAMENTO DE DADOS



No âmbito do projeto para a criação do “Guia dos Potenciais Educativos dos Territórios”, foi criado um modelo de formulário *on-line*, no *GoogleForms*, para registro das informações levantadas durante o mapeamento nos territórios e disponibilizado para as escolas (veja modelo no Anexo).

A proposta foi que os(as) participantes do mapeamento pudessem inserir as informações levantadas (nome, endereço, descrição da atividade, área de atuação etc.) de cada local separadamente e registrassem no formulário. Com isso, foi possível gerar uma tabela *on-line* de cada território, facilitando o acesso aos dados e, em seguida, organização das informações da melhor forma possível.

MATERIAIS DE DIVULGAÇÃO DO MAPEAMENTO



Para contribuir com o processo de mobilização de diferentes pessoas e instituições no mapeamento de potenciais educativos nos territórios, no âmbito do projeto, foram criados *cards* utilizados nas diversas estratégias desenhadas pelas escolas: envio por Whatsapp, impressão e fixação em murais, postagem em redes sociais, entre outras possibilidades.

Os materiais também foram traduzidos para o inglês e o espanhol, a fim de garantir o acesso de estudantes e da comunidade escolar migrantes, em linha com a Política Municipal para a População Imigrante (Lei Municipal 16.478/2016, disponível em: bit.ly/3SCRCaW). Conheça alguns exemplos de *cards*:



6.2. Atividades para serem realizadas com os(as) estudantes para o mapeamento

Objetivos	PÚBLICO PESQUISADOR Estudantes do Ciclo de Alfabetização (1º ao 3º ano)	
	Estratégias	Atividades
Explorar o que o(a) estudante conhece do território	Mapear o trajeto de casa até a escola e os espaços de circulação das crianças	- Perguntar para as crianças o que elas percebem e visualizam no trajeto que realizam de casa até a escola; - Explorar o que elas sentem e percebem no percurso, como cheiros, cores, texturas, sons, temperaturas; - Fazer perguntas que estimulem as lembranças como, por exemplo, quais lugares foram no final de semana, por onde circularam; - Propor atividades de desenho e/ou escrita de palavras em forma de registro; - Organizar os desenhos e os registros de modo a construir percepções coletivas em relação aos elementos trazidos pelas crianças.
Aprofundar a pesquisa e o levantamento de dados do território	Identificar no mapa os locais levantados pelas crianças	- Projetar o mapa do distrito ou imprimir em formato ampliado para que as crianças possam exercitar a localização dos espaços identificados; - Explorar a ludicidade, propondo a interação das crianças com o mapa, fazendo uso de materiais pedagógicos como barbante, marcadores coloridos etc.
Investigar na prática e explorar o território	Investigar o território	- Planejar uma expedição investigativa a partir dos levantamentos realizados, considerando os interesses e a viabilidade da proposta; - Elaborar perguntas ou brincadeiras para o percurso, de modo a favorecer a aprendizagem em diálogo com o planejamento; - Durante o percurso explorar o registro fotográfico, gravação de áudios e desenhos; - Ao retornar à escola, complementar o mapa com os novos registros, informações e espaços identificados.

Objetivos	PÚBLICO PESQUISADOR Estudantes do Ciclo Interdisciplinar (4º ao 6º ano)	
	Estratégias	Atividades
Explorar o que o(a) estudante conhece do território	Mapear o trajeto de casa até a escola e os espaços de circulação dos(as) estudantes	- Perguntar para os(as) estudantes o que percebem e visualizam no trajeto que realizam de casa até a escola; - Propor conversas que favoreçam a construção de percepções coletivas em relação aos elementos trazidos pelos(as) estudantes, como, por exemplo, espaços mais frequentados, caminhos preferidos, bairros onde moram etc.; - Propor atividades de registro em texto das informações coletadas, separadas por categorias, como: espaços de educação, saúde, lazer etc.;
Aprofundar a pesquisa e o levantamento de dados do território	Identificar no mapa os locais levantados pelos(as) estudantes	- Projetar o mapa do distrito ou imprimir em formato ampliado para que os(as) estudantes possam exercitar a localização dos espaços, lideranças, equipamentos e outros elementos identificados; - Criar as legendas para os espaços, lideranças, equipamentos e outros elementos mapeados de acordo com as categorias definidas anteriormente; - Construir maquetes que representem o território, a partir de materiais recicláveis, como: papelão, embalagens diversas, entre outros.
Investigar na prática e explorar o território	Investigar o território	- Planejar uma expedição investigativa a partir dos levantamentos realizados, considerando os interesses e a viabilidade da proposta; - Elaborar perguntas orientadoras para o percurso, de modo a favorecer a aprendizagem em diálogo com o planejamento e o objetivo da atividade; - Dividir os(as) estudantes em grupos, compostos pelos seguintes papéis: <u>Timoneiros</u>: planejam o percurso, guiam os(as) estudantes durante a expedição, com apoio do(a) professor(a) <u>Escritas</u>: registram com imagens e pequenos textos o que está sendo observado e discutido <u>Terras à vista</u>: fazem a conexão com o que está sendo observado e as provocações que movem a investigação - Ao retornar à escola, complementar o mapa com os novos registros, informações, descobertas e espaços identificados.

Objetivos	PÚBLICO PESQUISADOR Estudantes do Ciclo Autoral (7º ao 9º ano)	
	Estratégias	Atividades
Explorar o que o(a) estudante conhece do território	Mapear o trajeto de casa até a escola e os espaços de circulação dos(as) estudantes	- Perguntar para os(as) estudantes o que eles(elas) percebem e visualizam no trajeto que realizam de casa até a escola e outros itinerários realizados no bairro; - Propor a elaboração de cartografias afetivas, ou seja, registros que representem as relações dos(as) estudantes com determinados espaços, a partir da definição de cores ou símbolos que caracterizem sentimentos e impressões coletivas e/ou individuais; - Propor conversas que favoreçam a construção de percepções coletivas em relação à infraestrutura e serviços identificados nos trajetos, bem como, equipamentos culturais, educacionais, públicos e privados; - Identificar com os(as) estudantes a eventual ausência de espaços e equipamentos de interesse, provocando reflexões acerca do contexto; - Propor atividades de registro em texto das informações coletadas, que subsidiarão a pesquisa nos meios digitais.
Aprofundar a pesquisa e o levantamento de dados do território	Identificar no mapa os locais levantados pelos(as) estudantes	- No laboratório digital, projetar o mapa do distrito para que os(as) estudantes possam exercitar a localização dos espaços identificados; - Acessar o site do <i>My Maps</i> (bit.ly/3WqEXc0), localizar o distrito e criar um mapa coletivo com os(as) estudantes; - Criar localizadores no mapa para os locais identificados; - Criar as legendas de acordo com as categorias: educação, saúde, lazer etc.; - Pesquisar e incluir no mapa, dados oficiais que tragam informações sobre o território nas áreas de educação, cultura, saúde entre outras. O site Mapa da Desigualdade, por exemplo, traz informações sobre cada um dos distritos da cidade: bit.ly/41A4TV1.
Investigar na prática e explorar o território	Investigar o território	- Planejar uma expedição investigativa a partir dos levantamentos realizados, considerando os interesses e a viabilidade da proposta; - Elaborar perguntas orientadoras para o percurso, de modo a favorecer a aprendizagem em diálogo com o planejamento e o objetivo da atividade; - Dividir os(as) estudantes em grupos, compostos pelos seguintes papéis: <u>Timoneiros</u>: planejam o percurso, guiam os(as) estudantes durante a expedição, com apoio do(a) professor(a) <u>Escribas</u>: registram com imagens e textos o que está sendo observado e discutido <u>Terras à vista</u>: fazem a conexão com o que está sendo observado e as provocações que movem a investigação - Ao retornar à escola, complementar o mapa digital com os novos registros, informações, descobertas e espaços identificados; - Redigir uma carta-manifesto com as indicações de melhorias para o território pontuadas nas etapas anteriores; - Por fim, os(as) estudantes devem inserir as informações coletadas no formulário do mapeamento, com o apoio do(a) professor(a).

PÚBLICO PESQUISADOR Grêmio Estudantil e Imprensa Jovem	
Estratégias	Atividades
Identificar no mapa, aprofundar a pesquisa e investigar na prática	As atividades indicadas anteriormente podem ser vivenciadas pelos(as) estudantes do Grêmio e da Imprensa Jovem.
Mobilizar e potencializar o engajamento da escola para a participação no mapeamento	- Realizar campanhas para motivar públicos diversos a colaborar com mapeamento dos potenciais educativos, como publicações nas redes sociais da escola; matérias para o <i>site/blog</i> da escola; <i>blitz</i> em frente à escola divulgando a ação etc.; - Organizar mutirões para o preenchimento do formulário <i>on-line</i>; - Divulgar a ação em outras iniciativas da escola que já atuam, como grupos de teatro, campeonatos esportivos etc.; - Acompanhar as atividades de investigações no território para registro em vídeo, foto e/ou entrevistas; - Realizar um reconhecimento para os(as) estudantes que mais se envolverem na ação (ex.: quem apoiar mais o preenchimento de formulários).
Comunicar o processo de mapeamento realizado pela escola	- Elaborar material de comunicação evidenciando os potenciais educativos que estão sendo mapeados; - Promover evento para a mostra do processo de mapeamento realizado pela escola (conectar com as atividades realizadas com os(as) estudantes); - Articular com veículos de comunicação comunitária que possam promover a cobertura do evento; - Organizar encontros, rodas de conversa, saraus etc. com pessoas/lideranças que foram mapeadas para contar sobre a sua atuação no território.

PÚBLICO PESQUISADOR Famíliares	
Estratégias	
- Apresentar a proposta do mapeamento na reunião de familiares e divulgar o convite digital + <i>link</i> do formulário <i>on-line</i>; - Estimular os(as) estudantes que peçam aos(as) seus(suas) familiares que participem da proposta de mapeamento a partir da divulgação do convite digital + <i>link</i> do formulário <i>on-line</i>; - Identificar mães, pais ou responsáveis que tenham participação ativa na escola e convidá-los(as) a engajar outras famílias para o processo de mapeamento.	

PÚBLICO PESQUISADOR Gestão, professores(as) e funcionários(as)	
Estratégias	
- Apresentar a proposta do mapeamento na reunião do Conselho Escolar e divulgar o convite digital + <i>link</i> do formulário <i>on-line</i>; - Apresentar a proposta do mapeamento para os(as) professores(as) nas reuniões de JEIF (Jornada Especial Integral de Formação) e divulgar o convite digital + <i>link</i> do formulário <i>on-line</i>; - Apresentar a proposta do mapeamento para as equipes de alimentação, limpeza e segurança e divulgar o convite digital + <i>link</i> do formulário <i>on-line</i>; - Imprimir os materiais de divulgação do mapeamento e colocá-los nos murais da escola.	

7. PRÓXIMOS PASSOS: TRILHAS DE APRENDIZAGEM

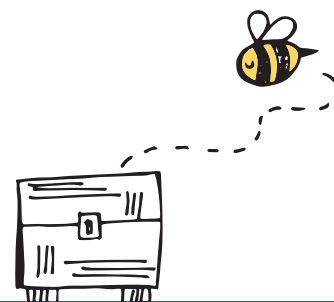
“O incentivo à circulação na comunidade e na cidade e consequentemente à apropriação do território é essencial para desenvolvermos maior participação na vida pública de nossas crianças e adolescentes. A apropriação do território nos permite reconhecer como os espaços são geridos e ocupados na comunidade. Também nos possibilita olhar de maneira investigativa para os usos, práticas e relações que acontecem no território. Trata-se, portanto, do reconhecimento e exercício do direito à cidade e de nossas responsabilidades como cidadãos” (BLASIS et al., 2011, p. 58).

Após o processo de mapeamento dos territórios, a proposta é que a escola realize a articulação das vivências educativas que os(as) estudantes podem experienciar dentro e fora da unidade escolar.

A sistematização das informações acerca do território visa colaborar para que vocês, educadores(as), tenham mais facilidade em estabelecer as conexões necessárias entre suas práticas pedagógicas e os saberes dos territórios, em constante diálogo com diferentes linguagens, espaços e experiências já realizadas localmente, favorecendo a articulação ao Currículo da Cidade – a partir da Matriz de Saberes – e aos Territórios do Saber, propostos pelo Programa São Paulo Integral, garantindo exploração e vivências locais, assim como aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).



O Currículo da Cidade estabelece a Matriz de Saberes, a qual se fundamenta em princípios éticos, políticos e estéticos definidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, orientados para o exercício da cidadania responsável e construção de uma sociedade mais igualitária, justa e democrática. Os campos que compõem a Matriz de Saberes se relacionam intimamente às 10 competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cujo foco central está na formação multidimensional dos sujeitos. A Matriz de Saberes inspira e norteia o trabalho pedagógico na perspectiva da educação integral.



MATRIZ DE SABERES



Fonte: São Paulo, 2020, p. 67.

A seguir, apresentamos uma sugestão de passo a passo para o planejamento e execução de Trilhas de Aprendizagem no território, de modo a garantir a intencionalidade pedagógica em todo o processo:



1º passo: Planejar

Este é o passo inicial para a elaboração do planejamento docente da trilha, ou seja, as iniciativas que irão anteceder as atividades com os(as) estudantes. Para esta etapa, sugerimos algumas ações importantes:

- Explorar o mapeamento dos potenciais educativos do território. Esse pode ser o tema de uma reunião/formação coletiva de planejamento.
- Levantar com a equipe docente o que já conhecem ou ainda não a respeito dos potenciais educativos do território.
- Organizar a atividade de formação em espaços do território. Essa é uma boa oportunidade para proporcionar vivências práticas que aproximem a escola do território.



2º passo: Explorar

Apresentar o tema da trilha para os(as) estudantes, a partir de um levantamento prévio para identificar o quanto o grupo sabe a respeito do assunto.

- Explorar os livros que a escola já possui em sua biblioteca e sala de leitura.
- Exibir vídeos, selecionar *podcasts*, entre outras referências, que abordem o tema selecionado.
- Apresentar uma seleção dos potenciais educativos que fazem parte do mapeamento.



3º passo: Vivenciar

Nesta etapa, os(as) estudantes irão construir coletivamente um mapa de interesses a partir dos locais e pessoas identificados na etapa anterior. A ideia é elaborar perguntas, estimular a curiosidade acerca dos potenciais elencados e levantar as informações necessárias para a realização de agendamentos de saídas e conversas com pessoas do território.

É importante que, nesse momento, o(a) professor(a) realize os planejamentos a partir dos objetivos e resultados esperados para os Territórios do Saber, que precisam estar em diálogo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, o Currículo da Cidade – Matriz de Saberes e os ODS.



4º passo: Disseminar

Após a circulação nos espaços, encontros e conversas, os(as) estudantes precisam organizar e analisar as informações levantadas. É o momento de estruturar uma forma de apresentar para toda a comunidade escolar o que aprenderam na prática a partir da trilha realizada.

Assim, os(as) estudantes podem organizar, por exemplo, saraus, exposição fotográfica, gravação de podcasts, mostra cultural, ocupar os murais da escola etc.



5º passo: Avaliar

Nesta etapa final, gestores(as), professores(as) e estudantes refletem sobre o processo de planejamento e execução da trilha. Essa ação é importante para garantir a qualificação das práticas educativas a partir de diversas vozes. A avaliação compartilhada é um movimento formativo no qual todos(as) participam e constroem percepção comum acerca dos aprendizados e desafios enfrentados.

1. Agendar dia para realizar a avaliação. É importante reunir todas as pessoas envolvidas direta e indiretamente na atividade: estudantes, professores(as) e gestão.
2. No dia da avaliação, o(a) professor(a) faz uma linha do tempo, lembrando todas as etapas da trilha. Em seguida, realiza rodadas de perguntas para os(as) participantes. As percepções relatadas devem ser registradas para que todos(as) possam visualizar os pontos abordados. A seguir, algumas sugestões de perguntas:
 - O que aprendemos de novo nessa trilha?
 - Quais foram os desafios? O que não deu certo?
 - Como enfrentamos os desafios? Quais foram as novas ideias que surgiram durante a execução da trilha?
 - Como podemos melhorar? O que podemos fazer diferente nas próximas trilhas?
 - Quais ideias de temas, de percursos e de novos potenciais educativos a serem explorados em novas trilhas?

Nesse momento, é fundamental que o(a) professor(a) faça conexões com outros temas/ações/projetos que estão em curso na escola e relacione os resultados alcançados com as demais áreas do conhecimento.

Aproveite todas as reflexões geradas para promover novas discussões acerca do desenvolvimento do Programa São Paulo Integral na escola, considerando as bases da Educação Integral e a implementação de práticas a partir da vocação da unidade escolar e do território.

TRILHAS DE APRENDIZAGEM

A experiência-piloto, realizada de agosto a dezembro de 2023, elaborou guias de seis distritos de modo a trazer mais subsídios para apoiar as escolas na tarefa de serem articuladoras das vivências educativas que os(as) estudantes podem experienciar dentro e fora da unidade escolar. Um dos destaques dos guias é a sugestão de Trilhas de Aprendizagem, como exemplo prático da possibilidade de caminhos a serem percorridos e explorados no território com os(as) estudantes. São apresentadas também outras sugestões de percursos, além de recomendações de pontos importantes a serem observados para o fortalecimento dessa relação escola-território na perspectiva da Educação Integral, colaborando com sua prática diária.

Conheça as trilhas: www.itausocial.org.br/divulgacao/guia-de-potenciais-educativos



8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BLASIS, E. et al. **Tendências para a educação integral**. São Paulo: Fundação Itaú Social – CENPEC, 2011, p. 58. Disponível em: bit.ly/4ePza7x

CARRIJO, V. **Investigação cartográfica na educação integral**. CENPEC. 2021. bit.ly/4cbx0xl

CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Glossário Mapeamento**. Disponível em: bit.ly/3WBfRHs

COSTA, N. **Educação Integral: uma reflexão sobre a concepção e suas práticas transformadoras**. Centro de Referências em Educação Integral. 2024. Disponível em: bit.ly/3YuOYHW.

HAASZ, I. et al. **Jovens Urbanos: marcos conceituais e metodológicos**. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2013. Disponível em: bit.ly/3Ndi7QZ

ICA – International Cartographic Association. **A Strategic Plan for the International Cartographic Association 2003-2011**. 2003. Disponível em: bit.ly/4gNEKZT

LOMONACO, B. P.; SILVA, L. A. M. (Coords.). **Percursos da educação integral em busca da qualidade e da equidade**. São Paulo: CENPEC: Fundação Itaú Social - Unicef, 2013. Disponível em: bit.ly/3zH0p5r

Mapear. Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss. Disponível em: bit.ly/3BtlCjD

MOLL, J. **Os Tempos da Vida nos Tempos da Escola: em que direção caminha a mudança?** In: MOLL, J. Os Tempos da Vida nos Tempos da Escola: Construindo Possibilidades. Porto Alegre: Pensar, 2. ed., 2013.

SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. In: Revista GEOgraphia, ano 1, nº 1, p. 8, 1999. Disponível em: bit.ly/40vvq5o.

SANTOS, W. A. (coord). **Programa Jovens Urbanos: Sistematização de uma metodologia**. São Paulo: CENPEC, 2008. Disponível em: bit.ly/3BI8szH

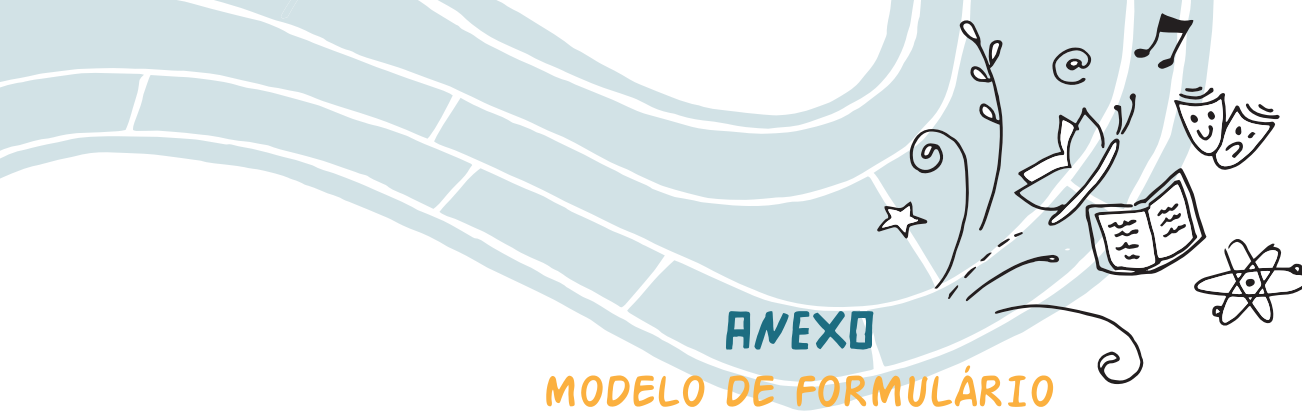
SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação (SME). **Portaria nº 7.464, de 3 de dezembro de 2015, artigo 20**. Disponível em: bit.ly/3urh7mE.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação (SME). Coordenadoria Pedagógica. **Educação Integral: política São Paulo educadora**. São Paulo: SME/COPED, 2020. p. 49. Disponível em: bit.ly/47meMY4.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação (SME). **Instrução Normativa nº 26** de 10 de Agosto de 2022. São Paulo: Diário Oficial da Cidade de São Paulo, 2022.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação (SME). Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: povos migrantes: orientações pedagógicas**. 2. ed. São Paulo: SME/COPED, 2023. Disponível em: bit.ly/3Yxfh05.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação (SME). **Programa São Paulo Integral: experiências pedagógicas nos Territórios do Saber**. São Paulo: SME, 2016, p.11. Disponível em: bit.ly/4bfsdeR.



**Modelo de formulário utilizado no âmbito do projeto de criação do
“Guia dos Potenciais Educativos dos Territórios”**

Classificação (assinalar apenas uma alternativa)

- () Equipamentos públicos
- () Equipamentos privados de fins públicos
- () Coletivos jovens
- () Organizações da Sociedade Civil (OSC)
- () Mídias comunitárias
- () Lideranças locais
- () Fóruns de mobilização
- () Localidades de referência simbólica para o território
- () Manifestações religiosas/espirituais
- () Outros

Nome completo

Endereço completo (no caso de liderança não preencher)

Rua/Avenida: _____

Nº: _____

Complemento: _____

CEP: _____

Sobre a organização/pessoa (breve descrição sobre as atividades realizadas, horário de funcionamento)

Faixa etária de atendimento (assinalar uma ou mais alternativas)

- () Livre
- () Bebês e crianças até 6 anos
- () Crianças – 7 a 12 anos
- () Adolescentes – 12 a 18 anos
- () Adultos – acima de 18 anos

Acessibilidade arquitetônica (assinalar uma ou mais alternativas)

- ☐ Elevador
- ☐ Rampas de acesso
- ☐ Piso tátil
- ☐ Banheiro acessível
- ☐ Outros. Descreva: _____
- ☐ Sem acessibilidade
- ☐ Não há informação

E-mail de contato (no caso de liderança não preencher)

Telefone de contato (no caso de liderança não preencher)

Fixo: _____

Celular: _____

Site e mídias sociais

Instagram: _____

Facebook: _____

LinkedIn: _____

TikTok: _____

Área de atuação (assinalar apenas uma alternativa)

- ☐ Assistência Social
- ☐ Comunicação
- ☐ Cultura
- ☐ Educação
- ☐ Esporte e lazer
- ☐ Meio Ambiente
- ☐ Participação social
- ☐ Saúde
- ☐ Trabalho e renda

Observações gerais (qualquer informação que você considera importante)





Parceria

Realização

